

**LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM,  
DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUANDA**

Fabiana de Paula Lessa Oliveira (UFRJ)  
[fabianapl.oliveira@gmail.com](mailto:fabianapl.oliveira@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre paisagem, memória e história no conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, que integra a coletânea *Luuanda*<sup>302</sup> (1963, 1 ed.), do escritor Luandino Vieira. Apresenta-se, na narrativa, um olhar sobre a época colonial, dividida de maneira geral em dois polos – colonizador/branco e colonizados/negros – onde os que detêm o poder impõem suas regras para cada vez mais explorar, dominar, submetendo a maior parte da sociedade a condições degradantes, de completa escassez de bens e serviços essenciais à vida humana. Como fundamentação teórica, utilizam-se os textos de Michel Collot (2010), Maurice Halbwachs (2013) e Frantz Fanon (2010).

Palavras-chave: paisagem, memória, história, Angola, Luandino Vieira.

**1. Luandino Vieira e seu tempo**

Amanhã  
entoaremos hinos à liberdade  
quando comemorarmos  
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz  
os teus filhos Mãe  
(todas as mães negras  
cujos filhos partiram)  
Vão em busca de vida.

(Agostinho Neto)

José Luandino Vieira<sup>303</sup> nasceu em 1935, em Vila Nova de Ourém, Portugal, e emigrou com os pais para Angola em 1938. Passou a juven-

---

<sup>302</sup> *Luuanda* compõe-se de três histórias escritas no pavilhão prisional da PIDE, em São Paulo, Luanda, durante o ano de 1963, e reunidas sob o título mencionado. A obra recebeu dois prêmios: Prêmio Literário Mota Veiga, 1964, Angola, e Grande Prêmio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores, 1965, Portugal, levando o autor ao reconhecimento internacional.

<sup>303</sup> Como lembra Rita Chaves (2005, p. 20), “José Mateus Vieira da Graça, filho de portugueses, nascido em Portugal, de onde havia chegado ainda criança. A infância vivida nos bairros populares, em comunhão com os meninos negros e mestiços e a gente pobre da cidade, deixaria marcas fortes e seria convertida em poderosa experiência. Da memória dessa experiência iria compor-se uma das matrizes do narrador que seus textos nos apresentam”.

tude em Luanda, Angola, onde concluiu os estudos secundários. Participou das lutas pela independência do país ao lado do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) – de base marxista, pró-soviética, que tinha como líder o escritor Agostinho Neto. Foi detido pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), acusado de exercer atividades anticolonialistas, em 1959 (Processo dos 50).

Nesta década (1060), abate-se uma repressão generalizada sobre os políticos e intelectuais ligados às movimentações nacionalistas. São encerradas a CEI, as edições Imbondeiro e outras publicações e, durante um certo tempo (1964-70), com a guerra a decorrer em algumas regiões do mato (noroeste e leste), fica-se com a sensação de que as atividades culturais angolísticas não recuperarão o fôlego. (LARANJEIRA, 1995, p. 40)

De novo preso em 1961, é condenado a 14 anos de prisão e medidas de segurança. Transferido, em 1964, para o Campo de Concentração do Tarrafal, Cabo Verde, onde passou 8 anos. Em 1965, foi escolhido pela Sociedade Portuguesa de Escritores, presidida por Manuel da Fonseca, para receber o Prémio Camilo Castelo Branco pela obra *Luuanda*. Como era um preso político, a Sociedade sofreu represálias e foi desfeita por ação do governo salazarista.

A atribuição do *Grande Prémio de Novelística a Luuanda (1964)*, de José Luandino Vieira, pela Sociedade Portuguesa de Escritores (1965), quando este se encontrava preso por “atividades terroristas”, no Tarrafal (em Cabo Verde), despoleta uma repercussão a nível de Portugal e círculos internacionais, tornando-o, com Agostinho Neto, o escritor mais conhecido. Outros escritores passam pelas prisões ou aí permanecem longos anos: Uanhenga Xitu, Manuel Pacavira, Jofre Rocha, Aristides Van-Dúnem etc. (LARANJEIRA, 1995, p. 40)

Foi libertado em 1972 e passou a viver em liberdade vigiada em Lisboa.

*Em 1972 sai em liberdade condicional.*

Foi de surpresa.

*De surpresa?*

Mesmo tendo conhecimento de que havia diligências continuadas da minha mulher – e provavelmente muita pressão, e pressão exterior, e começámos a saber de mudanças com Marcelo Caetano e tal –, depois daqueles anos esperava concluir o cumprimento da pena. Esperança tinha, mas não ilusões. De modo que quando me avisaram fui apanhado a trabalhar na carpintaria. Recordo muito bem que foi de manhã: “Arranje as suas coisas que vai sair”. Vieram os guardas e o chefe e toda a gente. E eu “Sair por quê?” E disse: “Só

saio à tarde. Vou acabar o que estou a fazer, depois vou arrumar as minhas coisas, depois vou almoçar o último almoço com os meus companheiros.<sup>304</sup>

Iniciou a publicação de sua obra em grande parte escrita nas prisões por onde passou.

*FOLHA* - Seus livros foram em parte escritos na prisão, quando lutou pela independência de Angola. O que representava escrevê-los?

*VIEIRA* – Representavam um modo de resistência à desagregação psicológica e espiritual. E um modo de sobrevivência espiritual, trabalhando e re-trabalhando o material acumulado na memória. Porque nos impunham viver em um ambiente de desertificação intelectual. Para mim, também de esclarecimento pessoal, avaliação e revisão permanentes dos motivos de minha presença naquelas prisões e participação no movimento de independência no meu país. Nunca esqueci que era branco, instruído, classe média.<sup>305</sup>

Retornou a Angola em 1975, onde ocupou vários cargos ligados à cultura. Foi membro fundador da União de Escritores Angolanos e secretário-geral adjunto da Associação dos Escritores Afro-asiáticos. Com o reinício da guerra civil, nos anos 1990, regressou a Portugal.

Luandino Vieira é considerado um dos mais importantes escritores em língua portuguesa do século XX. Ganhou notoriedade a partir de seu envolvimento direto na luta pela independência de Angola e de sua participação na revista *Cultura*, de 1957. Foi um dos precursores de uma literatura escrita como resistência à imposição da cultura do colonizador.

A *Cultura* apresentava-se como um jornal cultural voltado para a angolidade, entendida num sentido mais amplo do que a da *Mensagem*, na medida em que, de facto, mostrava abertura aos vários quadrantes da sociedade angolana empenhados na desalienação, na instrução e na produção de uma cultura viva, baseada na tradição africana, sem descuidar os contributos internacionais, como se vê pelas variadas colaborações. (LARANJEIRA, 1995, p. 104)

*Luuanda* traz uma escrita que mescla – ao mesmo tempo põe em choque – o português, língua oficial imposta pelos colonizadores, e o kimbundu, língua nativa falada pelos colonizados; uma forma de reafirmar a angolidade. A obra expressa os conflitos étnicos, geracionais e ideológicos que se aprofundam à medida que se intensificam os movimentos pela independência, mais fortes a partir do final dos anos 1950.

---

<sup>304</sup> <https://www.publico.pt/2009/05/01/politica/noticia/os-anos-de-cadeia-foram-muito-bons-para-mim-1377921>

<sup>305</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200708.htm>

O texto de Luandino chama a atenção pelo modo como a partir de questões locais aborda temas universais, por exemplo: a miséria, a fome, o desemprego, a escassez de bens e de serviços, etc. Outros pontos discutidos são o conflito de gerações, o embate de tradição e modernidade e a falta de perspectiva dos que habitam nas zonas periféricas do sistema capitalista mundial.

As personagens circulam por espaços degradados que misturam aspectos do campo/barro vermelho e da cidade/asfalto. Relacionam com a pobreza que os cerca como algo inevitável. Procuram um sentido para suas vidas, ora resgatando uma tradição destruída pela necessidade de adaptação à hostil colonização dos portugueses, ora participando da ordem mundial do consumo.

## 2. *O céu ainda sem azul nem sol em Angola*

Segundo o *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*, concebe-se “paisagem”, dentre outras acepções, como sendo “extensão de território que o olhar alcança num lance; vista, panorama”; “conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar” (HOUAISS, 2001, p. 2105). Para Michel Collot,

toda paisagem é percebida a partir de *um ponto de vista* único descobrindo, para o olhar, uma certa *extensão*, a qual corresponde apenas uma *parte* do país em que se encontra o observador, mas que forma um *conjunto* imediatamente abarcável. (COLLOT, 2010, p. 205-206)

Essas definições contribuem para se pensar o conceito de paisagem e como pode ser empregado na construção do sentido do texto, tendo em vista que a leitura da história do país atravessa as paisagens, conforme se vê:

Tinha mais de dois meses a chuva não caía. Por todos os lados do *musseque*, os pequenos filhos do capim de novembro estavam vestidos com pele de *poeira vermelha* espalhada pelos ventos dos jipes das patrulhas zunindo no meio de *ruas e becos*, de *cubatas arrumadas à toa*. Assim, quando vavó adiantou sentir esses calores muito quentes e os ventos a não querer mais soprar como antigamente, os vizinhos ouviram-lhe resmungar talvez nem dois dias iam passar sem a chuva sair. Ora a manhã desse dia nasceu com as nuvens brancas – mangonheiras no princípio; negras e malucas depois – a trepar em cima do musseque. E toda a gente deu razão em vavó Xíxi: ela tinha avisado, antes de sair embora na Baixa, a água ia vir mesmo. (VIEIRA, 2006, p. 11, grifo nosso).

Como se observa no fragmento, inicia-se o conto com o narrador em terceira pessoa direcionando o olhar para o espaço da periferia urbana de Luanda, Angola: o musseque – bairro de construções precárias nos arredores da cidade, onde habitam os mais pobres.

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a aldeia negra, a *medina*, a reserva é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Ali, nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa. É um mundo sem intervalos, os homens se apertam uns contra os outros, as cabanas umas contra as outras. (FANON, 2010, p. 55)

Vale ressaltar que a presença da chuva permeia toda a narrativa, tendo assim um papel relevante, tanto pelo país ser uma economia de base agrária, como também se pode inferir a passagem para novos e bons tempos, que os africanos anseiam neste momento de Guerra de Libertação. Espera-se o fim da opressão, da violência (física e verbal) e do silenciamento a que foram submetidos pelo colonizador europeu.

Sendo a chuva considerada “o agente fecundador do solo”, segundo Jean Chevaliere e Alain Gheerbrant (2009, p. 235), poderia vir para germinar a semente lançada da libertação nacional. Gerar em cada ser humano um sentimento patriótico para que a sociedade possa ir à luta por melhores condições de vida. E o prenúncio de novos tempos vem da voz da mais velha, vavó Xíxi, que muito já viveu para sentir as mudanças.

É interessante notar a possibilidade de leitura da conjuntura político-social do período retratado através dos tons da paisagem. Eles transmitem a ideia de que há um desejo de liberdade, a esperança já aponta no horizonte, por vezes camuflada pelos dias difíceis, que são simbolizados pela “poeira vermelha”, que sugere a terra de barro vermelho, onde situa o musseque, assim como o sangue derramado neste início de conflito. Portanto, “os pequenos filhos do capim” remetem à vida, à esperança, porém encontram-se cobertos pelo vermelho da terra e do sangue.

E as “nuvens brancas”, sinalizando uma aparente paz, transformam-se em “negras”, representando o próprio estado do país. No texto, estão disseminadas as cores vermelha, branca e preta simbolizando os tempos difíceis que estão vivendo, mas a paz por que lutam também.

Primeiro, um vento raivoso deu berrida nas nuvens todas fazendo-lhes correr do mar para cima do Kuanza. Depois, ao contrário, soprou-lhes do Kuanza para cima da cidade e do Mbengu. Nos quintais e nas portas, as pessoas perguntavam saber se saía chuva mesmo ou se era ainda brincadeira como noutros dias atrasados, as nuvens reuniam para chover mas vinha o vento e enxotava. Vavó Xíxi tinha avisado, é verdade, e na sua sabedoria de mais-

velha custava falar mentira. Mas se ouvia só ar quente às cambalhotas com os papéis e folhas e lixo, pondo rolos de poeira pelas ruas. Na confusão, as mulheres adiantavam fechar janelas e portas, meter os monas para dentro da cubata, pois esse vento assim traz azar e doença, são os feiticeiros que lhe põem. (VIEIRA, 2006, p. 11-12).

Não é por acaso a referência ao rio Kuanza, maior rio exclusivamente angolano, que nasce no Planalto Central de Angola e desemboca no Oceano Atlântico. Foi o berço do antigo Reino do Ndongo, tendo sido uma das vias de penetração dos portugueses em Angola no século XVI. Nele encontra-se uma identificação com o país. Ao contrário do mar que remete à morte, à dor, ao sofrimento causado pela colonização portuguesa. É importante para economia angolana, porque serve tanto para a produção de energia elétrica, quanto para a irrigação de áreas agrícolas ao longo do seu curso. Inserir-lo é uma forma de reafirmar a identidade nacional, tendo em vista que

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos, sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas. (HALL, 2006, p. 50-51)

Como se percebe, o “vento raivoso” expulsa as nuvens do mar para cima do Kuanza, e vice-versa, até retornarem em direção à cidade. É responsável pela “tempestade” que está por vir, visando à destruição do mundo colonial. Logo, traz uma possibilidade de liberdade, onde os africanos possam ser sujeitos de sua própria história, apesar da devastação que toda guerra causa. A opressão cada vez mais acentuada no decorrer do século XX, durante o regime de Salazar, chegou a um limite intolerável, levando à reação da sociedade angolana.

A ideia difundida de que os ventos fortes trazem “azar e doença” encontra-se na memória coletiva, por isso as pessoas daquele grupo social lembram-se. Diferentemente de algumas sociedades, o feiticeiro exerce uma função social importante na cultura africana: é aquele capaz de se comunicar com seus ancestrais. Todavia, os mais velhos são os que possuem a sabedoria para compreendê-lo. Traz consigo uma força superior. É responsável pela ligação entre os mundos: visível e invisível.

A memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De

bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2013, p. 69)

Era inevitável, a chuva viria pela experiência da avó e com ela a expectativa de uma vida digna.

Mas, cansado do jogo, o vento calou, ficou quieto. Durante algum tempo se sentiram só as folhas das mulembas e mandioqueiras a tremer ainda com o balanço e um pírfulas, triste, cantando a chuva que ia vir. Depois, pouco-pouco, os pingos da chuva começaram a cair e nem cinco minutos que passaram todo o musseque cantava a cantiga d'água nos zincos, esse barulho que adiantou tapar os falares das pessoas, das mães gritando nos monandengues para sair embora da rua, carros cuspidando lama na cara das cubatas, e só mesmo o falar grosso da trovoadá é que lhe derrotava. E quando saiu o grande trovão em cima do musseque, tremendo as fracas paredes de pau-a-pique e despregando madeiras, papelões, luandos, toda a gente fechou os olhos, assustada com o brilho azul do raio que nasceu no céu, grande teia d'aranha de fogo, as pessoas juraram depois as torres dos refletores tinham desaparecido no meio dela.

Com esse jeito choveu muito tempo. (VIEIRA, 2006, p. 12)

De acordo com Simon Schama (1996), “uma árvore nunca é apenas uma árvore. A natureza não é algo anterior à cultura e independente da história de cada povo. Em cada árvore, cada rio, cada pedra estão depositados séculos de memória”. Isso se evidencia no texto. É possível perceber que os elementos naturais, como o rio Kuanza – importante em Angola – e as mulembas ou figueiras africanas – consideradas árvores sagradas<sup>306</sup> – são retomados para marcar a identidade nacional. E quando se fala de África, as relações entre o homem e a natureza estreitam-se, formando “elos de uma mesma e indissociável cadeia significativa”. (Alassane Ndaw *apud* PADILHA, 2007, p. 26)

“Com esse jeito choveu muito tempo”, lê-se a luta pela independência durou anos, Portugal insistia em permanecer com suas possessões em África. Ainda vislumbrado com a construção da imagem de grande império, demorou a ajustar “a imagem ideal da Pátria à imagem real” (LOURENÇO, 1992, p. 47). A população que vivia nos musseques é a que mais sofre, além da falta de infraestrutura de maneira geral, sofre

---

<sup>306</sup> Segundo Jean Chevaliere e Alain Gheerbrant (2009, p. 84), as árvores podem adquirir caráter sagrado, mas nem todas o são. Sagradas são as árvores que estão inclusas nos bosques sagrados, aqueles que são locais de culto mesmo se encontrando isoladas, por exemplo, onde se comunica com os antepassados. Além disso, a árvore, como elemento da natureza, é considerada essencial para o equilíbrio de forças do universo.

com a fome e o desemprego. Um país em guerra não se desenvolve, todo dinheiro ou grande parte é destinado ao setor bélico, deixando a sociedade sem condições mínimas de subsistência, em estado de extrema pobreza. Falta emprego, áreas voltadas para a agricultura foram minadas, a situação de miséria agrava-se.

Era meio-dia já quase quando começou ficar mais manso, mesmo com o céu arreganhador e feio, todo preto de nuvens. O musseque, nessa hora, parecia era uma sanzala no meio da lagoa, as ruas de chuva, as cubatas invadidas por essa água vermelha e suja correndo caminho do alcatrão que leva na Baixa ou ficando, teimosa, em cacimbas de nascer mosquitos e barulhos de rãs. Tinha mesmo cubatas caídas, e as pessoas, para escapar morrer, estavam na rua com as imbambas que salvaram. Só que os capins, aqueles que conseguiam espreitar no meio das lagoas, mostravam já as cabeças das folhas lavadas e brilhavam uma cor mais bonita para o céu ainda sem azul nem sol. (VIEIRA, 2006, p. 12-13)

A guerra já começava a deixar rastros de destruição. Nas áreas mais pobres, a situação agrava-se, devido às frágeis construções. As pessoas perdem suas próprias moradias, para sobreviverem ficam na rua com seus pertences, os que conseguiram salvar. No entanto, a esperança sempre desponta na terra arrasada.

De certa forma, tenta-se abarcar o universo dos colonizados marcado de faltas, como: água, energia, emprego, vidas em condições precárias de habitação, saúde e higiene, onde o poder público não chega. Leva-se a refletir sobre as mazelas por que passam o povo: miséria, fome, desemprego, exploração pelo trabalho, todo tipo de violência a que são submetidos. Fanon expõe, ao referir-se ao espaço do colonizado, que “é uma cidade faminta, esfomeada de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz”. (FANON, 2010, p. 55-56)

Isso se vê no conto, onde a avó e o neto vivem em completo estado de carência; decorrente, em parte, da prisão do pai de Zeca, acusado de terrorista, ou seja, anticolonialista. Sem ter como mantê-los, a avó insiste que o menino procure um emprego. Com a guerra, as mulheres passam a ser as responsáveis pela família, porém, quando são mais velhas, as coisas se tornam mais difíceis. Como saída, os mais novos vão ter que ir à procura de trabalho para garantir o mínimo à família.

— Vamos comer é o quê? Fome é muita, vavó! De manhã não me deste meu matete. Ontem pedi jantar, nada! Não posso viver assim...

[...]

— Sukua! Então, você, menino, não tens mas é vergonha?... Ontem não te disse dinheiro 'cabou? Não disse para o menino aceitar serviço mesmo de criado? Não lhe avisei? Diz só: não lhe avisei?...

— Mas, vavó!... Vê ainda!... Trabalho estou procurar todos os dias. Na Baixa ando, ando, ando— nada! No musseque...

[...]

Tinha levantado, parecia as palavras punham-lhe mais força e juventude e ficou parada na frente do neto. A cabeça grande do menino toda encolhida, via-se ele estava procurar ainda uma desculpa melhor que todas desses dias, sempre que vavó adiantava xingar-lhe de mangonheiro ou suinguista, só pensava em bailes e nem respeito mesmo no pai, longe, na prisão, ninguém mais que ganhava para a cubata, como é iam viver, agora que lhe despediram na bomba de gasolina porque você dormia tarde, menino?... (VIEIRA, 2006, p. 13-14)

Na busca por emprego, vão revelando-se as formas de dominação e de exploração praticadas na sociedade. Na primeira tentativa de Zeca Santos, ao procurar Sr. Souto, é acusado de “gatuno”, “filho de terrorista”, por fim, expulso do posto de gasolina a base de chicotadas e de ofensas. E violência colonial vai além de querer controlar os homens dominados, “ela procura desumanizá-los”. (SARTRE, 2010, p. 32)

— Juro, vavó! Andei procurar trabalho...

— O menino foste no branco sô Souto, foste? Te avisei ainda para ir lá, se você trabalha lá, ele vai nos fiar almoço!... Foste? (...)

— O branco sô Souto, o branco sô Souto! Vê só, vavó, vê ainda, mira bem!

Zeca Santos estava tirar a camisa amarela de desenhos de flores coloridas, essa camisa que tinha-lhe custado o último dinheiro e provocado uma grande maca com vavó. Na pouca luz da cubata e do dia sem sol, *as costas estreitas de Zeca apareceram com um comprido risco vermelho atravessado*. Vavó levantou com depressa e passou as mãos velhas e cheias de calos nas costas novas do neto.

— Aka! Como é o menino arranjaste?... Diz só! Fal'então!? (...)

— ... me arreou-me não sei porquê então, vavó! Não fiz nada! Quando eu fugi, *ficou me gritar* ia pôr queixa no Posto, *eu era gatuno* (...) E estava-me gritar eu era *filho de terrorista*, ia-me pôr uma queixa, não tinha mais comida para bandidos, não tinha mais fiado... (VIEIRA, 2006, p. 15-16, grifo nosso)

Aqui se vê a agressão ideológica, são acusados de “ladrões” e “terroristas”, são ofendidos, e levados a acreditar que são assim, portanto não merecem oportunidade. “Uma vez que o colonizado é *presumido* ladrão, é preciso prevenir-se *efetivamente* contra ele, suspeito por definição, por que não seria culpado?” (MEMMI, 1967, p. 85). Além de outros

discursos que são propagados, como “incapazes”, “preguiçosos”, “ingratos”, etc.

Para justificar, para legitimar o domínio e a espoliação, o colonizador precisa estabelecer que o colonizado é por “natureza”, ou por “essência”, incapaz, preguiçoso, indolente, ingrato, desleal, desonesto, em suma, inferior. Incapaz, por exemplo, de educar-se, de assimilar a ciência e a tecnologia modernas, bem como de exercer a democracia, de governar-se a si mesmo. (CORBISIER, 1967, p. 9)

Em um segundo momento, devido ao local onde o jovem mora, não lhe é concedido o trabalho. Se a área for considerada reduto de “terroristas”, como eram chamados os que estavam engajados na luta de libertação, também não tinham oportunidades. Os meios de produção eram controlados por uma minoria branca contrária à independência para assim manter o *status quo*.

— Já sei, já sei. Não digas mais. Vens pelo anúncio, não é? Anda para aqui. Xico, ó Xico!

O rapaz da farda veio nas corridas trazendo bloco de papel e lápis e parou na frente dele, à espera. O homem magro observou bem Zeca Santos nos olhos; depois, depressa, desatou a fazer perguntas, parecia queria-lhe mesmo atrapalhar: onde trabalhou; o que é que fazia; quanto ganhava; se estava casado; qual era a família; se era assimilado; se tinha carta de bom comportamento dos outros patrões; muitas coisas mais, Zeca Santos nem conseguia tempo de responder completo, nem nada. E no fim já, quando Zeca tremia de frio com aquele ar do escritório e o vazio da barriga a morder-lhe, a voz de todos a fugir, longe, cada vez mais longe, o homem parou na frente dele para perguntar, olhando a camisa, as calças estreitas, com seus olhos maus, desconfiados:

— Ouve lá, pá, onde é que nasceste?

— Nasceu onde?— repetiu o contínuo.

— Catete, patrão!

O homem então assobiou, parecia satisfeito, bateu na mesa enquanto tirava os óculos, mostrando os olhos pequenos, cansados.

— De Catete, hem?! Icolibengo?... Calcinhas e ladrões e mangonheiros!... E agora, por cima, terroristas!.. Põe-te lá fora, filho dum cão! Rua, filho da mãe, não quero cá catetes.<sup>307</sup>!... (VIEIRA, 2006, p. 28-29, grifo nosso).

---

<sup>307</sup> Catete é uma cidade e uma comuna do município de Icolo e Bengo, província de Luanda, Angola. Local de nascimento de muitos escritores, que lutaram pela independência do país, entre eles: Agostinho Neto, Uanhenga Xitu, Jofre Rocha. Enfim, reduto de líderes políticos do MPLA, possivelmente justifica a repulsa dos detentores dos meios de produção. (LARANJEIRA, 1995, p. 124 e 128)

A violência com que os negros são tratados atinge outra dimensão, se pensarmos que em pleno século XX, há o domínio de uma nação sobre a outra, os africanos são considerados “os outros” em seu próprio território, sem mencionar as riquezas minerais de seus países que vão para fora, enquanto a população vive em péssimas condições. Como lembra Karl Marx e Friedrich Engels (2010, p. 57), somente “à medida que se suprime a exploração de um indivíduo por outros, suprime-se igualmente a exploração de uma nação sobre a outra”. Como é difícil levar o indivíduo a pensar que o seu acúmulo de riqueza pode ser decorrente da exploração do outro, talvez essa situação se perdue ainda por séculos.

Chega-se a um ponto que não é mais possível admitir esse desrespeito sem medidas. Aí entra outra questão importante: a animalização do homem africano, como se observa na fala do colono que chama Zeca Santos de “filho dum cão”. “E, de fato, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica”. (FANON, 2010, p. 59). Não é visto sequer como ser humano.

Frantz Fanon (2010) argumenta que só com a violência o mundo colonial pode ser combatido, não há um caminho para o diálogo diante de tantas atrocidades cometidas pelos colonizadores. Embora, até hoje, os portugueses insistem em afirmar que a colonização imposta por eles foi mais branda em relação às outras nações, como se fosse possível.

Por último, constata-se a exploração do homem pelo homem, disseminada no discurso de que o jovem negro não é capaz, que é fraco. Sendo assim, merece um salário menor, pois o dono ou o responsável do negócio alega estar ajudando. Como está fazendo um favor, dentro da lógica colonialista/capitalista, nada mais justo pagar-lhe uma porcentagem do salário, que já é ínfimo. Vale destacar que os mais pobres que formam a base da pirâmide com baixos salários e vultoso corpo social sustentam as elites locais. Diante do “bicho da fome”, a saída era sujeitar-se.

Sebastião tinha-lhes recebido bem, Maneco era amigo. Grande, careca quase, o homem falou com voz grossa em Zeca Santos, apalçou-lhe ainda os braços, depois cuspiu. Mas Maneco estava a ajudar-lhe:

— Deixa, Mbaxi! O rapaz precisa... (...)

— *E você, rapaz, és fraco! Não quero t'aldrabar!...*

Zeca Santos resmungou qualquer coisa, nem ele mesmo que percebeu o quê, o homem fazia respeito com seu largo peito e braços pareciam eram troncos de pau, a voz grossa, as pernas grandes saindo numa calça rasgada em feitiço de calção. Apontando em todos os outros por ali sentados ou deitados, Sebastião riu um grande riso de dono e falou-lhes, mais baixo agora:

— Você vai roubar serviço num desses homens!... Mas deixa só! Eu é que escolho quando vêm os caminhões... e você vai comigo!

Maneco apertou-lhe a mão para despedir, mas o homem não aceitou. Continuou rir, ria, e falou outra vez. Zeca Santos não percebia porquê o homem ria assim, mas as palavras espantaram:

— *Os gajos costumam pagar quarenta, nesse serviço. Já foi sessenta cada dia, mas tem sempre cada vez mais gente aqui para trabalhar e os sacanas fazem batimento...*

Olhou para todos os lados, calado e desconfiado agora, e os olhos brilharam na cara achatada de grande queixo.

— *Dez paus cada dia, são para mim. Aceitas?* (VIEIRA, 2006, p. 31-32, grifo nosso).

Essas são algumas formas de violência praticadas na sociedade, contudo a esperança por mudanças mantém-se viva. Além disso, a fome também é uma forte agressão ao indivíduo. Pode ter origem em um conjunto de fatores de ordem natural (secas inundações), questões econômicas e sociais ou ter causa política (conflitos armados, guerras). Em África, esses fatores sobrepõem-se, tornando a situação mais grave.

— Zeca! Olha ainda, menino... Parece estas coisas é mandioca pequena, vou lhes cozer. E tem esta laranja, vê ainda, menino! Arranjei para você...

E foi nessa hora, com as coisas bem diante da cara, o sorriso de vavó cheio de amizade e tristeza, Zeca Santos sentiu uma vergonha antiga, uma vergonha que lhe fazia querer sempre as camisas coloridas, as calças como só Jaime só quem sabia fazer, uma vergonha que não lhe deixava aceitar comida, como ainda nessa manhã: Maneco tinha querido dar meia-sandes, voltara-lhe. Agora enchia-lhe no peito, no coração. *Fechou os olhos com força, com as mãos, para não ver o que sabia, para não sentir, não pensar mais o corpo velho e curvado de vavó, chupado da vida e dos cacimbos, debaixo da chuva, remexendo com suas mãos secas e cheias de nós os caixotes de lixo dos bairros da Baixa. As laranjas quase todas podres, só ainda um bocado é que se aproveitava em cada uma e, o pior mesmo, aquelas mandiocas pequenas, encarnadas, vavó queria enganar, vavó queria lhes cozer para acabar com a lombriga a roer no estômago...*

Nem Zeca mesmo podia saber o que sucedeu: saltou, empurrou vavó Xíxi e, sem pensar mais nada, antes que as lágrimas iam lhe nascer outra vez nos olhos, saiu a gritar, a falar com voz rouca, a repetir parecia era maluco:

— São dália, vavó! São flores, vavó! É a raiz das flores, vavó! (VIEIRA, 2006, p. 18-19, grifo nosso)

É notório o desconforto que Zeca Santos sente ao lembrar-se de seus gastos supérfluos, quando trabalhava. Como ele e sua avó passam necessidade, uma grande tristeza o invade, especialmente por imaginar a avó em um dia chuvoso revirando o lixo em busca de alimento para ele.

A mais velha insiste que veja o que conseguiu – “mandiocas pequenas, encarnadas” e “laranjas pobres” – mas fecha os olhos para não rever toda aquela miséria. Ao fugir da cena, pensa na beleza das dalias em contraponto a situação em que vivem, e grita: “São dalias, vavó! São flores, vavó! É a raiz das flores, vavó!” (VIEIRA, 2006, p. 19). E o herói Zeca Santos, como em outras histórias de Luandino, é vencido. (SANTILLI, 1980, p. 262)

### 3. *Considerações finais*

Na narrativa, é retratada a vida difícil em um país colonizado como Angola, onde a sociedade é dividida basicamente em dois grupos: colonizador/branco – detentor dos meios de produção e ocupante de cargos públicos – e colonizados /negros – mão de obra barata – que vivem em condições desumanas, faltando o básico para a sobrevivência, por exemplo, água e comida; chegando ao ponto de catar alimentos podres no lixo; além de outras formas de violência cotidiana a que são submetidos. Logo, as relações são sempre conflituosas.

A história foca-se na periferia urbana, espaço de convívio coletivo, aglomerações, denotando certa desestruturação social; precariedade de recursos, de meios de subsistência; completa escassez de luz, água, alimentos, vestimentas, emprego. Apesar disso, o musseque surge como símbolo de luta, resistência, e é a voz do povo angolano que será ecoada.

Percebe-se uma mistura entre a língua nativa (quimbundo) e o português, o escritor “subverte” a língua portuguesa a fim de marcar, valorizar a identidade angolana. Assim o falar do povo passa a ser representado. Vale destacar que a vavó Xíxi, nos momentos mais emotivos, para expressar raiva, tristeza, alegria, pronuncia em quimbundo. Joseph Ki-Zerbo discute acerca da relevância de comunicar-se na língua africana, tanto como forma de reafirmar a identidade nacional, quanto de libertar os cidadãos das amarras de uma língua que não dá conta de representá-los culturalmente, conforme se vê:

O problema das línguas é fundamental, porque diz respeito à identidade dos povos. E a identidade é necessária, tanto para o desenvolvimento quanto para a democracia. As línguas também dizem respeito à cultura, aos problemas da nação, à capacidade de imaginar, à criatividade. Quando falamos numa língua que não é originalmente a nossa, exprimimo-nos de forma mecânica e mimética, salvo exceções (mas governa-se para exceções?). Não fazemos mais do que imitar. Mas, quando nos exprimimos na nossa língua materna, a imaginação liberta-se. (KI-ZERBO, 2006, p. 73)

Portanto, o autor percorre a terra vermelha do musseque, descrevendo a paisagem natural e a social para abordar uma história que estava sendo construída por homens que lutavam pela liberdade dos colonizados. Ainda hoje não se pode deixar de lutar por justiça social. E a literatura nos faz (re)pensar nosso estar no mundo, a responsabilidade que nos cabe.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, Rita. José Luandino Vieira: Consciência Nacional e Desasossego. In: \_\_\_\_\_. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê, 2005. p. 19-44.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad.: Vera da Costa e Silva et al. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COELHO, Alexandra Lucas. Os anos de cadeia foram muito bons para mim. *Público*. Lisboa, 1 maio 2009. Disponível: <<http://www.publico.pt/2009/05/01/politica/noticia/os-anos-de-cadeia-foram-muito-bons-para-mim-1377921>>. Acesso em: 2808-2017.

COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Orgs.). *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Niterói: Eduff, 2010, p. 205-217.

CORBISIER, Ronald. Prefácio. In: MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad.: Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 1-17.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad.: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Edufjf, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad.: Beatriz Sidou. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?* Trad.: Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOURENÇO, Eduardo. Psicanálise mítica do destino português. In: \_\_\_\_\_. *O labirinto da saudade*. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 17-64.

LUANDINO quebra seu silêncio. *Folha de São Paulo Ilustrada*. São Paulo, 14 nov. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200708.htm>>. Acesso em: 28-08-2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista (1848)*. Trad.: Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad.: Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SANTILLI, Maria Aparecida. A "Luuanda" de Luandino Vieira. In: LABAN, Michel. (Org.). *José Luandino Vieira e sua obra: estudos, testemunhos, entrevistas*. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 259-269.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio à edição de 1961. In: \_\_\_\_\_. *Os condenados da terra*. Trad.: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Edufjf, 2010, p. 23-48.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VIEIRA, José Luandino. Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos. In: \_\_\_\_\_. *Luuanda: estórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 11-43.